

Meu caro Milton, grato por nosso telefonema de 6/5, e por tuas cartas de 26 e 29/4. Respondo imediatamente, por causa da tua excelente distinção entre "mito" e "dogma". (Você é pensador de primeira ordem). Mas antes alguns outros assuntos: Viagem: Lamento que vocês não podem ir para Erice, (Laboratorio Internazionale di fenomenologia delle immagini), e isto por duas razões: (a) encontro fascinante, (pretexto é meu livro "verso una filosofia della fotografia"), e (b) primavera siciliana. Mas há outra coisa: as notícias brasileiras, esparsas e fragmentárias, são inquietantes, e sei que você tem visão mais penetrante que a maioria das pessoas. As nossas posições neste assunto são complementares, (como em muitos outros assuntos). Você está engajado sem ilusão, e eu procuro desengajar-me sem consegui-lo. Decidi, há quase 20 anos, que a situação brasileira não oferece perspectivas para gente de minha mentalidade e idade, e não precisa de tal gente, mas participei da situação por tempo demasiado para poder desprender-me, dois dos meus filhos a vivem, e você está nela. A viagem teria sido oportunidade para aprofundarmos isto. Publicações do nosso encontro: Grato, e espero pelos exemplares de "Zona cinzenta", do Bagolini, de Zepf, (ingles basta), e das demais coisas minhas que deixei contigo. Você vê: malgré moi continuo engajado lá-bas. Tua análise do meu estilo, (profético): Concordo: minhas afirmativas "A é B" se querem hipotéticas, (pontos de partida), e são muitas vezes recebidas como se fossem concludentes, (pontos de chegada). Mas há, no entanto, um aspecto do meu estilo que você e quase ninguém, mencionou, e isto é por certo culpa minha: minhas afirmativas se querem irônicas, (distanciadas), e levemente cômicas, o que as distingue da profecia.

Mito e dogma: Exemplos: "Deus criou o mundo em seis dias," (mito), e: "Eu, JHVH, sou teu Deus", (dogma). A diferença sintática, (não imediatamente percebível da construção da sentença), é que o mito é proposição afirmativa, ("A é B"), e o dogma proposição imperativa, "que A seja B". Na minha carta confundi os dois, porque se recortam. Você tem razão em distingui-las: mas creio que tua distinção leva a conclusão oposta à tua. Estamos nos tornando dogmáticos, e estamos desmitizando. Programas, (por exemplo modos de usar impressos em latas de sopa de ervilha), são dogmas: "que este pó seja sopa". Como você não leu meu "Universo das imagens técnicas", eis as definições que lá proponho: "Explicação" é a transcodificação de imagem em texto, afim de tornar explícito em linhas o que está implícito na superfície. Em consequência: "Historia" é progressiva explicação de imagens, ("ideias" por textos, ("conceitos")). "Modelo" é a transcodificação de textos em imagens, afim de tornar contextual o que está processual no texto. Em consequência: "Pos-historia", (pos-modernidade), é regressiva mode-

lação de textos, ("conceitos"), por diagramas, ("ideias").

Digo isto, para que você capte o que pretendo ao dizer que mais explicações não interessam. Quando desafiados por problema, não mais o queremos "descrever", (contar, explicar), mas queremos o "projetar"; (diagramar, computá-lo). Descrições deixaram de ser textos explicativos, e passam a ser prétextos para programas. Não mais pensamos miticamente, (contando contos), mas dogmáticamente, (ensinando modos de usar, "doxa"). Mas ao dizer isto, devo introduzir ressalva: o termo "mito" significa "conto" pré-histórico, e o termo "dogma" significa "modo de usar" anterior à tecnologia. Permita que entre:

(a) Mito: "Mythos" é etimologicamente parente de "mudo", e falar mitos, (mythagogein), é falar de boca fechada. O propósito da história é abrir a boca, (articular), isto é: transcodificar os mitos em discursos claros e distintos. O método é simples: transcodificar a mensagem oral, (gogkein), em mensagem escrita, (graphein). Portanto: os textos históricos, (o discurso da ciência), são mitos, mas mitos transcodificados, e neste sentido des-mitizados.

(b) Dogma: é etimologicamente parente de "docere", (ensinar algo). O propósito da história é acabar com os dogmas, (ensinamentos e substituí-los por pesquisas, (interrogações). A história é anti-dogmática, porque pergunta, (dúvida). A pos-história volta a ensinar, faz modelos, modos de uso, (como você diz corretamente: isto é o característico da técnica e tecnologia). Mas há uma sutil transcodificação do dogma nisto. Nos dois exemplos: "Eu seu teu Deus" tem a forma "A deve ser B", e "lata de sopa de ervilha" tem a forma "se A então B". (Se você quer sopa, então ...). Os dogmas passaram de imperativos para implicações, (funções), de "AB!" ficou "AfB". Modos de usar são dogmas funcionais, e neste sentido dogmas des-dogmatizados.

Pois isto leva à conclusão seguinte: a consciência histórica desmitiza mitos, a pos-histórica desdogmatiza dogmas, ou: o contexto da história é o mito, e o da pos-história é o dogma. Mas há ainda outra coisa: o mito é auditivo, o dogma visual, (criação do mundo se conta, JHVH se imagina). Ora, a história é auditiva, (o código alfanumérico é partição musical), ea pos-história é visual, (o código digital é visível em tela). Começamos a descobrir como os dois hemisférios cerebrais processam informações visuais e auditivas. De modo que dogmas podem ser reprocessados em mitos, e mitos em dogmas. (Electronic intermix.) Conceitos são visualizáveis, ideias são "audializáveis". O futuro da religiosidade mítica e dogmática é complicado. Allah hu akhbar.

Escreva, caro amigo, e, mesma no paraíso siciliano estarei contigo.